Dando continuidade à sua atuação em defesa do exercício ético da Medicina e com o objetivo de orientar os médicos paulistas no atendimento a uma das mais graves violações dos direitos humanos – a violência doméstica contra crianças e adolescentes –, o Cremesp realizou, em 7 de novembro, o "1º Fórum sobre Enfrentamento à Violência contra a Criança e o Adolescente". Realizado no anfiteatro de sua sede, na capital paulista, o evento reuniu especialistas para debater os desafios e o papel dos médicos na rede de cuidado e proteção.

Ao final do fórum, foi lançado o livro "Boas Práticas no Atendimento às Crianças e aos Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica", publicado pelo Cremesp. A obra reúne informações e orientações de conduta para reforçar a responsabilidade médica diante de possíveis evidências desse tipo de violência. O evento contou, ainda, com a apresentação de jovens do Instituto Jardins da Infância, que atua na prevenção e conscientização sobre a violência, em parceria com a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Conscientização dos médicos

Na abertura, o presidente do Cremesp, Angelo Vattimo, destacou a necessidade de conscientizar médicos e sociedade sobre o combate às agressões contra vítimas vulneráveis, mas alertou: "Não é suficiente, pois são crimes que precisam ser combatidos".

O conselheiro do Cremesp, médico pediatra e coordenador do livro, Elzo Garcia Júnior, destacou que "proteger os vulneráveis é um dever que transcende o exercício técnico da Medicina, pois é uma expressão do compromisso ético e humano da profissão com a dignidade, a proteção e a vida". Acrescentou que "o médico tem papel fundamental na identificação precoce; durante consultas, exames e atendimentos de urgência, sinais físicos, alterações comportamentais, manifestações emocionais e indícios de negligência podem revelar uma realidade frequentemente oculta".

Também coordenadora da publicação e primeira-secretária do Cremesp, Flavia Amado Bassanezi, ressaltou a importância dos médicos que atuam em prontos-socorros e "podem ser atores principais no combate a essa violência".

Representando a Secretaria Municipal de Saúde, a diretora da Divisão de Promoção à Saúde, Francisca Maria de Queiroz, destacou o pioneirismo da capital paulista na estruturação de políticas públicas voltadas ao atendimento de pessoas em situação de violência e a importância de uma rede de saúde preparada para identificar, acolher e acompanhar as vítimas.

A defensora pública e assessora de Direitos Humanos da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, Fabiana Botelho Zanata, falou sobre a necessidade de "aproximar outros saberes para entregar cuidado e uma melhor qualidade de vida para as vítimas da violência". Já o subprocurador-geral de Justiça Cível e Tutela Coletiva do Ministério Público do Estado de São Paulo, Fausto Junqueira de Paula, afirmou que o combate ao crime requer inteligência. "Sem uma postura proativa, integral e estrutural ficamos só na superfície", acrescentou.

Consequências da violência

A primeira das três mesas-redondas abordou o tema "Violência Doméstica". A pediatra e professora adjunta do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Jundiaí, Stela Maria Tavolieri de Oliveira, proferiu uma palestra contundente sobre as consequências da violência na vida de crianças e adolescentes. Segundo dados da Unicef citados pela especialista, cerca de 400 milhões de crianças menores de 5 anos (seis em cada dez) sofrem rotineiramente agressões psicológicas ou castigos físicos em casa, em todo o mundo. "E ainda assim há muita subnotificação", alertou.

A psiquiatra e vice-presidente do Cremesp, Maria Alice S. Scardoelli, destacou a importância da atuação médica e relatou casos que chegaram ao Conselho, entre eles o de uma menina de 10

anos que ingeriu medicamentos e foi levada ao pronto-socorro por uma prima. “A criança ficava tensa com a chegada do tio, em visita, e não queria retirar a roupa para fazer exames; o primeiro médico que a atendeu colocou no prontuário a hipótese de violência sexual e tomou as medidas necessárias, mas a médica que o substituiu no plantão deu alta e a vítima saiu do hospital com a prima e o tio”.

O caso teve desdobramentos, e a médica foi penalizada em julgamento no Cremesp, com base nos artigos 1º e 32 do Código de Ética Médica, por não utilizar todos os meios disponíveis, causando dano à paciente, esclareceu Maria Alice.

A pediatra Nina Colameo Bertolini afirmou que é preciso “atender a criança com delicadeza; no atendimento de meninas, por exemplo, evitamos que um médico homem a atenda”.

Como proteger a criança?

Palestrante da segunda mesa, a promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Renata Rivitti, apresentou o arcabouço jurídico que ampara o combate à violência contra crianças e adolescentes. “Não podemos naturalizar, não se trata apenas de espancamentos, é preciso ficar atento aos pequenos sinais, pois 100% das mortes começaram com maus-tratos. E a ‘empurroterapia’ não é a solução, é preciso identificar, acionar, articular e acompanhar cada caso de violência”, argumentou.

Elzo Garcia Júnior presidiu a mesa, que também contou com a participação de Flávia Bassanezi e Tomas Tenshin Sataka Bugarin, responsável pela Procuradoria Jurídica do Cremesp.

Segurança Pública

O trabalho da segurança pública paulista no combate à violência contra crianças e adolescentes foi apresentado pela delegada de Polícia e coordenadora do Programa SP Mulher da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, Milena Massuco Suegama, palestrante da terceira mesa. Sobre a integração das instituições e entidades envolvidas nesse combate, afirmou que “é preciso confiar e nos unir, ser co-partícipes”. Alertou, ainda, que, quando uma criança é atendida por violência doméstica, seus irmãos e irmãs, que permanecem em casa, também podem ser vítimas.

O procurador de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Arthur Pinto de Lemos Júnior, procurou transmitir segurança aos médicos para que solicitem apoio ao Ministério Público. “Às vezes, o profissional não se sente à vontade para notificar o MP, mas é preciso esclarecer que ele não será investigado; temos uma Vara Especial para Crianças e Adolescentes, sabemos dialogar e temos muito respeito pelo sistema de saúde”, ressaltou.

Participaram também do debate sobre Segurança Pública Flavia Bassanezi e Fabiana Botelho Zapata, como moderadora.

Fonte: Cremesp, em 12.11.2026